



O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

Maria Helena de Oliveira
Guimarães

Já houve uma época em que esta pergunta sintetizava e direcionava as ansiedades e as ações daqueles que estavam se preparando para entrar no mercado de trabalho.

Hoje a escolha profissional é apenas o primeiro passo de um caminho longo e sinuoso que pode levar as pessoas à satisfação profissional e à conquista desse mercado.

A convivência com estudantes universitários, tanto em cursos de graduação quanto de pós-graduação, tem me mostrado que esses sentimentos, despertados durante o processo de escolha profissional, não desaparecem com a simples definição do campo de atuação profissional e muito menos com o encerramento do curso universitário.

Durante a vida acadêmica e mesmo depois de graduados, paira sobre a cabeça dos estudantes, como um fardo, uma outra questão: o que fazer quando sair daqui?

***Durante a vida acadêmica
e mesmo depois de
graduados, paira sobre a
cabeça dos estudantes,
como um fardo, uma outra
questão: o que fazer
quando sair daqui?***

Essa situação tem provocado o nascimento de um ciclo psicológico que pode ser assim descrito: medo e descrença quanto ao futuro, o que provoca um sentimento de insegurança que, por sua vez, suscita um problema de

identificação e baixa estima, levando os alunos, ao final, a vivenciarem certa apatia, falta de energia e de motivação para o estudo e o trabalho.

Movida por esses mesmos sentimentos, a maioria dos alunos passa a valorizar e direcionar-se apenas para conteúdos práticos e de aplicabilidade imediata, como se esse tipo de conteúdo lhes trouxesse maior garantia de desempenho e, portanto, de emprego.

E mais, a mesma angústia os leva a preferir fazer estágios que lhes garantam um ganho financeiro imediato, mesmo desenvolvendo atividades completamente fora de sua área de interesse. Atividades profissionais ou estágios que representem um investimento pessoal, que promovam o crescimento profissional e signifiquem de alguma maneira sacrifício e esforço para ganhos no médio prazo são uma possibilidade pouquíssimo considerada pela maioria dos estudantes. É claro que não incluímos aí os alunos que têm no trabalho a fonte de renda para pagar seus estudos.

Estágios que representem um investimento pessoal e profissional para ganhos no médio prazo e que signifiquem sacrifício e esforço são uma possibilidade pouquíssimo considerada pela maioria dos estudantes.

Com essa situação perdem todos: os jovens que se sentem desorientados, os professores que lidam com pessoas desinteressadas, as empresas e o mercado, que têm como parceiros pessoas com pouca garra e certa miopia de pensamento.

Resolver essa situação exige um esforço conjunto. Todos sabemos que há uma tendência de queda do emprego tradicional, no formato como o temos conhecido até aqui. Novas relações de trabalho vêm surgindo, principalmente através da terceirização de serviços, o que determina fortemente novas demandas de postura e de habilidades pessoais.

É preciso considerar também a crise econômica pela qual passa o nosso país. Crise político-econômica no Brasil, aliás, está virando lugar-comum. Já era até para estarmos acostumados com essa rotina.

Deixando de lado, portanto, a nossa velha conhecida crise brasileira, tudo o mais que diz respeito ao mercado de trabalho está mudando e muito. O momento é de transição e, por isso, de difícil assimilação e adaptação por parte de muitas pessoas.

E é sobre isso que precisamos levar nossos jovens profissionais a refletir. Muitos ainda se formam com a ilusão de que para eles a realidade será diferente. Sonham em trabalhar em

uma grande empresa, criar carreiras sólidas e não precisar se preocupar muito mais. Repetindo aquele refrão que conhecemos: "Como os nossos pais..."

Mas, felizmente, esse sonho hoje está longe da realidade. Digo "felizmente" porque, apesar do sentimento de abandono ou de perseguição que as pessoas estão experimentando, é desse caos que nascerá uma nova ordem na relação homem versus trabalho. Uma relação em que as pessoas não precisarão abrir mão de suas personalidades e seus valores, nem elegerão as empresas como as maiores responsáveis pela sua felicidade.

A partir de agora a ordem é outra: o compromisso de cada um com o seu sucesso deve basear-se nas suas próprias habilidades.

O compromisso de cada um com o seu sucesso deve basear-se nas suas próprias habilidades.

Porém, as pessoas não estão muito acostumadas a contarem consigo mesmas. Muitas vezes acompanho a ansiedade de pessoas diante de uma simples entrevista ou porque terão que falar sobre si mesmas, ao participarem de um processo de seleção ou fazerem um contato de trabalho.

Refletindo sobre esses fatos e sentimentos, tenho constatado que o medo não aparece por acaso. Poucas pessoas conseguem conhecer e definir com realismo seu perfil profissional, de forma a passar uma informação consistente para o ambiente sobre sua maneira de agir, de tomar decisões, de participar de equipes, etc.

Normalmente, quando se questiona sobre o comportamento organizacional de alguém, as respostas obtidas são chavões que se referem muito mais a um ideal de conduta do que ao que acontece de fato.

Essa situação, porém, não é específica das pessoas que estão entrando no mercado de trabalho. Também profissionais experientes partilham da angústia de terem de entrar em contato com eles mesmos através de uma autoavaliação, quando saem de uma situação profissional acomodada para uma situação nova e, portanto, instável.

A maioria dessas pessoas teve variados feedbacks sobre seu desempenho profissional enquanto mantinha vínculos mais duradouros. São essas informações que lhes servem como referência. Porém, como muitas vezes estavam vinculados a instituições arcaicas e tradicionais, o que valorizam ou desvalorizam no seu desempenho não condiz com as demandas do novo ambiente organizacional em ebulição.

Nesse caso, o entrar em contato consigo terá um significado mais profundo: desaprender "verdades" e construir um novo modelo de atuação, numa perspectiva crítica que contemple o seu passado, o seu presente e o seu futuro profissional.

A busca de soluções pelo autoconhecimento é um longo caminhar, mas o único movimento capaz de levar as pessoas a perceberem novas aptidões e possibilidades, permitindo-lhes quebrar o ciclo: desemprego - baixa-estima - apatia - desemprego...

Quem não estiver conseguindo sozinho (e, para muitos, isso é difícil) deve procurar ajuda. Podemos fazer aqui uma analogia: muitas pessoas não estão contratando personal trainer para melhorar sua performance e disposição física? A partir de uma avaliação individual, monta-se um programa contínuo e crescente de atividades e exercícios capazes de levar aos resultados esperados no médio prazo.

Em relação ao desempenho profissional, será que podemos agir e obter resultados da mesma forma? É claro que sim. O processo tem as mesmas características. Para melhorar o condicionamento físico, é necessário suar a camisa para perder uns "quilinhos" ou fortalecer alguns músculos. Para enfrentar os atuais desafios, suar a camisa significa fazer

contatos ou fortalecer algum atributo que possa tornar-se um valor diferencial.

Começar ou recomeçar profissionalmente podem ter o mesmo significado, pois dependem de esforço: não apenas esforço físico, mas principalmente esforço mental e emocional.

Portanto, começar ou recomeçar profissionalmente podem ter o mesmo significado, pois dependem de esforço; e aqui não conta apenas esforço físico, mas principalmente esforço mental e emocional. Também é preciso coragem, humildade, garra e, sobretudo, autoconfiança. Mas é um caminho que vale a pena, pois, além do ganho profissional, ganha-se autoconhecimento.

Para encerrar esta reflexão, podemos inverter a pergunta que dá início a este artigo para: o que você quer crescer para ser? Porque a vida é assim: uma rua de mão dupla.

Maria Helena de Oliveira Guimarães
é psicóloga, consultora pela Leadership
- Assessoria Empresarial Ltda.,
Professora e Coordenadora do Centro
de Pesquisas Administrativas
da FACE-FUMEC

E-mail: mhelena@fumec.com.br
